

## **Ronaldo Fraga: territórios de design e criação<sup>1</sup>**

**Cristiane Mesquita<sup>2</sup> (PPG em Design. Universidade Anhembi Morumbi,  
São Paulo)**

### **Resumo**

Este artigo aborda a trajetória das criações do designer Ronaldo Fraga, a partir das noções de território, autoria, política e jogo, presentes nas abordagens filosóficas de Gilles Deleuze e Felix Guattari, além de menções a trechos de escritores e poetas, eles próprios objetos da investigação de Fraga. Para tanto, explora brevemente diversos aspectos das coleções do criador, desde a primeira, lançada no ano de 1996, até a apresentação ocorrida no mês de junho de 2011.

**Palavras-chave:** Design de moda, Processo de criação, Ronaldo Fraga.

### **Abstract**

This article discusses the designer Ronaldo Fraga creation trajectory, examining philosophical approaches of Gilles Deleuze and Felix Guattari notions of territory, authorship, politics and play, beside excerpts from writers and poets, themselves investigation objects of Fraga. The way to do it, briefly explores various aspects of the designer collections, since the first one, launched in 1996, to the last show, in June 2011.

**Keywords:** Fashion design, Creation process, Ronaldo Fraga

## Traçados

“Eu sou guiado pela caneta, eu sou guiado pelo lápis”<sup>3</sup>, revela Ronaldo, enquanto rabisca um rosto irreverente, uma textura arrepiada, um sapato barulhento, uma estampa ávida por sair do papel, um corpo desobediente. Os croquis de Ronaldo Fraga revelam uma gente que exala cheiros, evoca canções, murmura palavras e inspira carinho. Os pássaros gorjeiam, as flores perguntam “bem-me-quer, mal-me-quer?”, os traços “pegam delírio”, como diria Manoel de Barros, poeta simpático aos voos.

Do papel ao corpo, o traço de Fraga multiplica os sentidos. Expõe marcas de afetos, afagos, alegrias, encontros, despedidas, fascínios, fragilidades, fissuras, gargalhadas, loucuras, paixões, preciosidades, saudades, sonhos, ternuras e tristezas. Permeadas por uma melancolia intensa e delicada ao mesmo tempo, o desenho de Ronaldo exprime traços muito próprios, que estão aquém e além do que se realiza como produto: delineiam distâncias, instauram intervalos, insinuem enredos, marcam os territórios de Ronaldo Fraga.



Páginas do livro *Caderno de roupas, memórias e croquis* (FRAGA, 2012).

## Territórios

Quando uso a palavra território, tomo emprestado o que ela significa para dois pensadores franceses - o filósofo Gilles Deleuze e o psicanalista Felix Guattari (1997), que conferem ao termo um significado para além da geografia. Pensando sobre “territórios existenciais”, os autores nos convidam a conjugar espaço e tempo como tessitura subjetiva, como paisagem expressiva formada por linhas sensíveis, por signos poéticos e por estéticas da existência. Na companhia da dupla, entendemos também que um território existencial pode se constituir a partir de sinais visuais, tais como cores, formas e volumes, ou seja, por um conjunto de componentes expressivos.

Nesse sentido, é possível pensar que, desde “Eu amo coração de galinha” (inverno 1996) até “O cronista do Brasil” (verão 2011/12), Fraga inventa idiomas, demarca lugares, cria territórios e convida um povo para habitá-los. E depois se vai, para desbravar outro universo. O conjunto da obra e os diversos modos de sua apresentação – cadernos de criação, desfiles, textos, vitrines de lojas e corpos vestidos – compõem suas paisagens.

Seu mapa é extenso, a lista é de tirar o fôlego. “Que tamanho de mundo!”, talvez exclamasse o escritor Guimarães Rosa (1972), ele próprio guia da coleção “A cobra ri” (verão 2006/07). De “Bibelôs” (verão 1999/2000) a “Cordeiro de Deus” (verão 2002/03), de “São Zé” (verão 2004/05) a “Nara Leão” (verão 2007/08), palavras, cartas de amor, *souvenirs*, decalques e canções são alguns dos elementos que disparam suas geografias e instauram territórios vestíveis.

Para que um espaço desta natureza seja delimitado, é necessário que haja uma seleção de forças. Portanto, quando falamos dos territórios de Ronaldo, pensamos que, a cada coleção, ele demarca um contorno no qual vai existir e circular por um período de tempo: uma geografia que revela aspectos da subjetividade – a subjetividade-Ronaldo e a subjetividade-mundo.

Um território é transitório por definição. Se processa continuamente e tem contornos abertos, que são dissolvidos em prol da próxima invenção. O criador está sempre disposto a se desterritorializar, de modo a encarar uma nova turbulência, para inventar um outro lugar e ampliar a cartografia. “O império do falso” (verão 1997/98) se desfaz em nome de “O jantar” (inverno 1998), “O vendedor de milagres” (verão 1998/99) parte para dar lugar à chegada de “Rute Salomão” (inverno 2000), as paisagens azulejadas de “Athos Bulcão” (inverno 2011) se dissolvem para um encontro com o Rio de Janeiro de Noel Rosa (“O cronista do Brasil”, verão 2011/12).

### **Design intempestivo**

Viajante declarado, tal como confessa na companhia de Mario de Andrade em “O turista aprendiz” (verão 2010/11), Ronaldo adentra universos com curiosidade de criança inquieta, com atenção de arqueólogo obsessivo e com memória de velho sábio, sempre disposto a encontrar signos que mobilizem em grau máximo sua sensibilidade. Com esse espírito, viajou com “Gulliver” (inverno 2003), adentrou as oficinas dos artesãos do Vale do Jequitinhonha (“Costela de Adão”, verão 2003/04), navegou o “Rio São Francisco” (verão 2008/09).

Essas navegações configuram trajetos que também percorrem o tempo e atravessam uma espécie de “passado” e um tanto de “futuro”. O “passado” de Fraga está entre aspas, pois condensa não apenas uma temporalidade, mas toda uma rede de afetos, pessoais e coletivos, e ainda uma complexa tessitura daquilo que se foi, sem de fato ter passado. Seu “futuro” também se encontra entre aspas, pois diz respeito aos “futuros” próprios daqueles que rasgam o tempo e instauram o novo: uma extrassensorialidade para enxergar e traduzir o presente, mesclado a um tempo que virá, um tempo que já está sem ter chegado, um tempo intempestivo.

“Risco de giz” (inverno 2009) materializa essa capacidade de entrelaçar aquilo que passou e o porvir. Aliado ao artista Álvaro Apocalypse, ao escritor

José Saramago, ao poeta Pablo Neruda, entre outros seres, bonecos e fantasmas, Fraga tece o tempo com a presença de crianças e velhos na passarela, onde cruza uma série de questões contemporâneas, tais como a supervalorização do novo, a saudade do que passou, a obsessão pela juventude, a elegância da maturidade, a padronização da beleza, a multiplicidade que, incontrolavelmente, permeia a vida.

### **Design político**

Seu talento para a tessitura também se revela com incrível complexidade num trabalho sobre a América Latina, que não poderia ter outro nome se não “Disneylandia” (inverno 2009/10). Nesse território híbrido, Ronaldo trama espaços e culturas com tamanha perspicácia que, mesmo sem essa pretensão, reivindica para a moda um lugar irreversivelmente político, pois é sobre história, fronteiras e poderes que essa geografia improvável nos fala.

Esse é o mesmo Fraga que se posiciona irônica e criticamente em relação ao mundo que nos rodeia, ao mundo tomado pela ilusão da democracia neoliberal, em “O Império do falso na bacia das almas” (verão 1997/98), ao mundo das regras sociais em “O jantar” (inverno 1998), ao mundo do corpo capital em Corpo Cru (inverno 2002). Ele aponta sua postura em pequenas e grandes atitudes: no delicado acabamento de uma peça ou na etiqueta que explicita uma atitude contra a exploração desumana de mão-de-obra; na escolha de um tecido irreverente para forro de casaco ou na homenagem à luta de Zuzu Angel contra a ditadura militar (verão 2001/02); na ode ao trabalho perseverante das costureiras (“Descosturando Nilza”, verão 2005/06) ou na opção de não desfilarem na temporada de inverno de 2012, para refletir sobre seus modos de expressão e sobre as reverberações de seu modo de agir no mundo.

Sua postura é política também por convocar uma coletividade. Por mais que o designer tente nos enganar com a armação de seus óculos e sua logomarca forte, é com uma dimensão múltipla que Ronaldo assina suas

coleções. Quando se trata de inventar mundos, a assinatura é plural, pois o nome próprio que marca o território não deve ser o nome de um sujeito (DELEUZE; GUATTARI, 1997). Em outras palavras, ele não confunde sua assinatura com o que chamamos comumente de “identidade” e usufrui ao máximo de seu talento em ser uma espécie de “cavalo”, como no candomblé. Seu corpo se deixa levar por músicas, escritas, danças, vozes, bichos, mitos, lugares e vidas inteiras. Ele se torna rio, barro, céu; se torna louco, caipira, bailarino; se torna matéria, abstração e personagens que se revelam na assinatura falsificada de um só Ronaldo Fraga, ao mesmo tempo autoral e múltiplo, egocêntrico e profundamente generoso.

### **Autoria em fluxo**

Sua escuta é excepcionalmente permeável aos fluxos, de modo que o que se constitui traz a própria lógica daqueles que o habitam, seja o artista sergipano Arthur Bispo do Rosário (“Em nome do Bispo”, inverno 1997), seja a artista francesa Louise Borgeois (“As células de Louise”, inverno 2000), seja um amigo, o designer Jum Nakao (“A carta”, verão 2000/01), seja o compositor gaúcho Lupicínio Rodrigues (“Quantas noites não durmo”, inverno 2004); seja um chinês que trabalha 18 horas por dia para uma empresa pirata (“A China”, inverno 2007).

Quando decide se contaminar pela extraordinária potência criadora da bailarina alemã Pina Bausch (inverno 2010) torna-se, ele próprio, um coreógrafo da sensibilidade, desestabilizando interpretações anestesiadas, quebrando cadeiras, desmascarando gêneros, multiplicando os modos da roupa pousar sobre o corpo, inventando códigos sem classificação. Ao se dispor a encarnar a lógica do outro, Fraga faz um movimento de despersonalização, minimiza a si mesmo, cria um modo de ser muitos e, ao mesmo tempo, de ser ninguém, tal como explicita no título do trabalho que costura a poesia de Carlos Drummond de Andrade, “Todo mundo e ninguém” (inverno 2005). Assim, simultaneamente múltiplo e vazio, encara o desafio de

conjugar “tanto oceano e tanta solidão”, imagem que o próprio escritor evoca, em poema sobre o Brasil (ANDRADE, 2001).



Páginas do livro *Caderno de roupas, memórias e croquis* (FRAGA, 2012).

O resultado de tanta abertura é uma riqueza ímpar de detalhes, que transbordam camadas de sentidos e resvalam signos capazes de transformar aqueles que se dispõem a se contaminar por elas. Um território é um convite à participação. Os desfiles, as vitrines e as roupas são lugares a serem habitados. Quem adentra esses mundos, se dispõe a uma certa relação ampliada com os vestíveis, tal como Ronaldo aponta desde “A roupa” (inverno 1999): “roupa para comer, roupa para dormir, roupa para viajar, roupa para morrer e até para vestir: a roupa como um estandarte para emoldurar um monte de coisas”. As roupas-mundo convidam para um modo de ver e de se relacionar.

## O jogo e os jogadores

Nesse sentido, sua moda nos remete a outra ideia de Deleuze, agora sobre o jogo e os jogadores. Para o filósofo, o “jogo humano” é aquele que tem regras pré-existentes, as quais determinam hipóteses e formas de conduzir a disputa. Já aquilo que ele chama de “jogo divino” não possui regras prévias. O jogo incide sobre a própria regra, ou seja, as regras vão se fazendo a cada jogada, todo acaso é bem-vindo e todo lance é vencedor (DELEUZE, 2006). O convite de Fraga vai por aí: o que vale não é impor uma ideia, mas propor um jogo entre ele/autor e aquele que vai usar suas peças. Nessa relação, aquilo que é próprio de cada jogador é minimizado. O corpo deve estar disposto a ser vestido por uma multiplicidade, sem receita pronta para o uso. A roupa-território exige de nós, convoca a uma certa entrega, a uma dose de disponibilidade, a uma disposição para não passar despercebido e a um desejo de invenção de si: nos transformamos ao vesti-las, somos alguma coisa além ou aquém de nós mesmos.



Páginas do livro *Caderno de roupas, memórias e croquis* (FRAGA, 2012, no prelo).

Há quem diga que criar é, necessariamente, tornar-se outra coisa. Pois bem, a cada final de desfile, Ronaldo Fraga entra na passarela de um jeito. Envelhecido esteve depois de “Álbum de família” (inverno 1996/97). Transformado transparece, a cada coleção, afetado pelo universo que adentrou e reinventou. Como um grande criador, ele sempre vive em risco, com o coração na mão, à flor da pele, na corda bamba, por um triz. Faz de conta que é um trabalhador voraz da grande “Loja de tecidos” (inverno 2008) que é a moda, mas quer mesmo é uma grande “Festa no céu” (inverno 2006), onde não é estritamente necessário que se tenha asas, mas há que se dispor a “pegar voo” nos seus verbos vestíveis.

Sobre seus desenhos, ele também afirma: “quem vive o risco sou eu”<sup>4</sup>. Mas isso é truque de poeta, trocadilho de esteta, pura enganação. Seu risco tem a potência de transformar e, portanto, quem vive o risco é a gente, a quem ele aponta um monte de mundos possíveis, desprovidos de certezas e plenos de aberturas: os territórios de Ronaldo, traços para habitar.

---

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Carlos Drummond de. *Sentimento do mundo*, 12<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Ed. Record, 2001.
- BARROS, Manoel de. *O livro das Ignorâncias*, 6<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Ed. Record, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. São Paulo: Ed. Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil Platôs*. São Paulo: Editora 34, 1997, vol. 4.
- FRAGA, Ronaldo. *Caderno de roupas, memórias e croquis*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2012).
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*, 6<sup>a</sup> edição. Rio de Janeiro: Ed. José Olympio, 1972.

---

<sup>1</sup> Parte deste texto foi publicada em FRAGA, Ronaldo. *Caderno de roupas, memórias e croquis*. Rio de Janeiro: Editora Cobogó, 2012.

<sup>2</sup> Cristiane Mesquita é doutora em Psicologia pelo *Núcleo de Estudos da Subjetividade - PUC-SP*. Professora e pesquisadora do *Mestrado em Design da Universidade Anhembi Morumbi*, suas linhas de pesquisa incluem interações entre design de moda, processos de criação, corpo, subjetividade e arte contemporânea. Assina criação e design do *Projeto I L H A* <<http://ilhailha.wordpress.com>>. Editou as coletâneas *Moda em ziguezague: interfaces e expansões* (Ed. Estação das Letras, 2011) e *Corpo, moda e ética* (Ed. Estação das Letras, 2011). É autora de *Moda contemporânea: quatro ou cinco conexões possíveis* (Ed. Anhembi Morumbi, SP, 2004). Assina pesquisa, roteiro e direção dos documentários *Jardelina da Silva: eu mesma* (Diphusa, DVD, 2006) e *Mas isto é moda?* (PaleoTV, DVD, 2005). Há mais de 15 anos acompanha, aprende, se diverte e se emociona muitíssimo com o trabalho e com a companhia de Ronaldo Fraga.

<sup>3</sup> Depoimento presente no curta-metragem *Cadernos de roupas, memórias e croquis* (Pimenta Filmes, 2012). Disponível em <http://vimeo.com/33032514>. Acesso em 25 Mai 2012.

<sup>4</sup> Idem.